

HA' no 2.º Artigo de V. Ex.º coisas exactas e coisas inexactas. E' exacto, por exemplo, que alguns dos meus artigos não foram suficientemente revistos, que não tem unidade perfeita de desenvolvimento; que são, por vezes, aqui e além excessivamente condensados, que o assunto me apaixona e arrasta para fóra do campo da vulgarização, que alguns desses artigos flutuam indecisos entre a vulgarização e o trabalho original; que um certo nervosismo se reflecte nêles, e outras coisas ainda que V. Ex.º poderia acrescentar. As causas disso são variadas, nem tôdas dependem de mim (1); espero, porém, que estes defeitos estarão atenuados na série de 50 artigos que o «Diabo» vai publicar sobre a Escola de Viena, e em outros a aparecer na «Seára Nova».

E' exacto igualmente que alguns deslises existem de linguagem, nos meus artigos. Mas tais deslises são frequentes em homens de categoria de Schopenhauer, que chamou, com todas as letras, a Hegel, charlatão; e o próprio Goethe, o clássico e sereno Goethe, se fartou de trocar com os metafísicos alemães, os quais, segundo dizia, se acharão um dia supinamente ridículos, ao dar pela vacuidade das suas transcendências.

E já na velha Grécia Antístenes metia a ridículo Platão, dizendo: «Eu vejo bem um cavalo, mas não a Cavaleidade», o que significa que a essência não é qualquer coisa de universal. Poderia encher páginas com ironias deste e doutros géneros, mas a fórmula irónica e polémica é tão vulgar entre os filósofos, que me parece inútil vir aqui fazê-lo.

Estou ainda de acôrdo com o sr. dr. Casais Monteiro quando diz que me não devia preocupar com os insultos vindos de certos sectores. Mas o excesso do alarido enerva, e êle não veio, ao contrário do que diz o dr. C. Monteiro, apenas dos canis da Outra Ban-

(1) Por exemplo: a impossibilidade de revêr os artigos.

da; veio igualmente do lado de cá, sendo bastante citar, como exemplo, as colunas de proza que despejou sobre mim o escritor sr. A. F. a quem tive de escrever fazendo ver que a Escola de Viena e coisas análogas não são insultos para ninguém. De resto, puz bem em foco que não são os doestos nem as injúrias que me embaraçam, mas sim a confusão a que me referi, determinada pela ligeireza daqueles que detormam as coisas mais simples, como o caso já citado de «picnico» feito sinónimo ora de parvo ora de bolchevista...

O que não é exacto, pelo contrário, é que eu tenha qualquer ódio ao fale-

ponto de acôrdo comigo que a polémica pessoal é destituida de qualquer interesse e que é sempre lamentável transformar em questão pessoal o que na realidade é, apenas, questão doutrinária, de simpatias intellectuais, ou expressão caracterológica. Ora, sob este ponto de vista, é inexacto dizer-se, como o faz o sr. dr. Casais Monteiro, que a minha preocupação tenha sido uma simples divulgação de quaisquer ciências; a questão é mais complexa e profunda. Seja-me permitido esclarecer este ponto, pois se trata do conhecimento não deste ou daquele ramo de ciencias mas do Neo-Positi-

2.ª Carta ao Sr.

P O R A B E L

mo Empiro-lógico, o mais notável movimento filosófico dos tempos modernos.

cido dr. Leonardo Coimbra. Posso prová-lo e testemunhá-lo, quando o dr. Casais Monteiro assim o deseje; Leonardo Coimbra era um homem dotado de brilhantes qualidades; mesmo, quando o queria, um «charmeur»; e, ao mesmo tempo, de uma falta de seriedade intellectual e moral completa, um exemplar raro de cinismo. Nêsse ponto o sr. dr. Casais Monteiro não tem o direito de contradizer uma afirmação que eu estou pronto a provar, quando o queira: negar «à priori», sem conhecer os factos, não faz sentido. Se assim o quizer, ponho pedra no assunto; se o não quizer, tudo será esclarecido: mas o espectáculo será lamentável.

Não interessam, de resto, para o caso, nem as pessoas, nem os talentos, deste ou daquele senhor, mas sim e apenas os fenómenos de que são os expoentes; se alguns nomes veem, por vezes, á superficie, como o do famoso Heidegger, é porque são exemplos mais ou menos simbólicos desses fenómenos.

Creio bem, em suma, e suponho que o sr. dr. Casais Monteiro está nesse

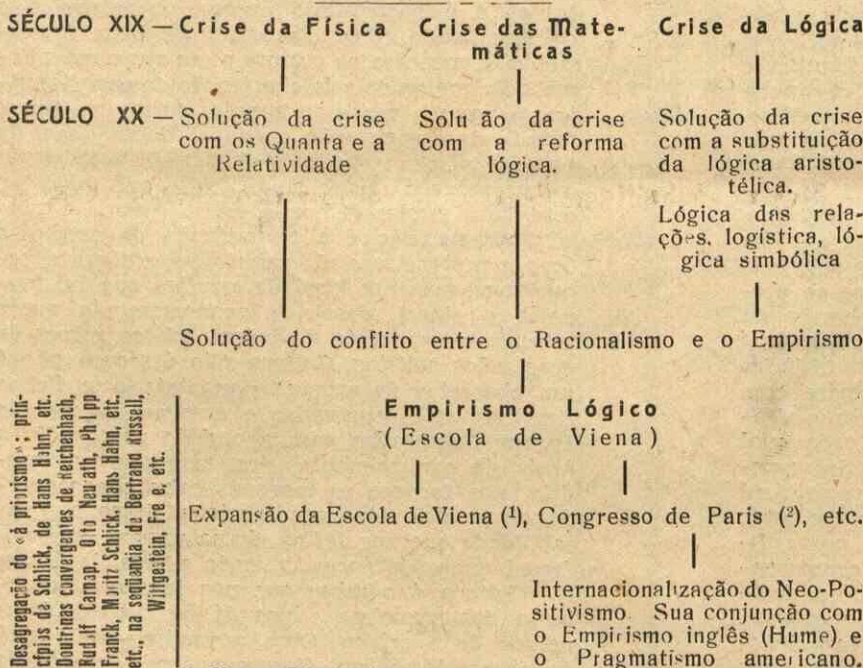
Pelos fins do século XIX deu-se no conjunto das ciências uma crise que afectou em particular as matemáticas, a lógica e a física, crise que abalou o edificio delas até aos seus alicerces. Um momento a Metafísica cantou vitória, pela pena e boca dos seus paladinos; mas bem depressa a crise se resolveu, e dela resultou a reconstrução de todo o edificio científico, reconstrução que continua em nossos dias; e por tal fórmula essa reconstrução se fez que deu ao todo um amplidão, uma flexibilidade e uma grandeza, harmonia, simplicidade e coerência, que a ciência clássica não possuía.

Não é fácil tarefa dar uma idéa, resumida sequer, do que seja hoje, em relação ao antigo, o panorama actual da ciencia; e não será exagerado dizer que a ciencia clássica é o elemento infinitamente pequeno de que a nova é o integral, o segmento de recta infinitesimal de que o todo é a circunferencia. Esta imagem define esquematicamente, por fórmula sugestiva, a extraordinária ampliação dos quadros da ciência, e as correlações existentes entre a clássica e a actual; e mostra além disso que, muito ao contrário do que por vezes se diz e pensa, a ciencia clássica não falliu, mas apenas se tornou insufficiente. Era uma ciência á escala humana, como a Geometria d'Euclides o era, sob certos pontos de vista, do espaço «humano».

Da crise resultou não só uma nova concepção do mundo, como tambem uma correlação inteiramente diferente entre o homem e o mundo: «este facto bastaria para transformar a mentalidade do homem».

Transformaram-se, desenvolveram-se e consolidaram-se as matemáticas, e a lógica; criou-se a lógica simbólica, a logística, a lógica das relações; separou-se a lógica do finito da lógica do infinito; surgiu o cantorismo, e desen-

QUADRO - A



Desagregação do «à priori»: pirrópilas de Schlick, de Hans Hahn, etc. Doutrinas convergentes de Heisenbach, Paul H. Carnap, Otto Neurath, Philipp Frank, Moritz Schlick, Hans Hahn, etc., etc., na sequência de Bertrand Russell, Wittgenstein, Frege, etc.

(1) Ver o «Erkenntnis».

(2) Ver os 8 volumes de Actas (Actualités Scient., Herman e C.º, Paris)

Volveram-se ás geometrias não euclidianas, as axiomáticas, etc.

A física, a mecânica, a dinâmica, sofreram uma transformação integral; deu-se a emancipação do mundo atómico, e esta emancipação foi acompanhada de uma revisão da lei da causalidade. Os conceitos fundamentais do espírito humano, o quadro clássico do pensamento, espaço, tempo, causalidade, sofreram uma transformação radical, etc. (1)

Todo este movimento representa, em síntese, um novo grau histórico da totalização da experiência; e como o pensamento é sempre função desta, tal

tem um carácter geral bem definido, de natureza histórica.

Espiritualismos, Idealismos, Realismos, Materialismos. Psicoidismo, Neo-vitalismo, Energetismo, Misticismo matemático, Neo-pitagorismos, Pseudo-Positivismos variados, as formas mais variadas do Pathos Metafísico e Romântico, pseudo-filosófico e pseudo-lógico, fizeram explosão na Europa, sob formas por vezes quasi delirantes. Seja, porém, qual for a sua forma, que seja de tipo heraclitiano, platónico, plotinico, thomista, ou mesmo indiano; que tenha por expoentes Heidegger, Jaspers, ou qualquer outro, esta corrente é, fundamentalmente, histórica, lógica e psico-

cteriza-se naturalmente pela acentuação histórica deste conflito.

Separaram-se assim os pensadores em duas coortes; e a batalha está travada. Simplesmente, esta peleja faz-se em campos da mais variada elevação; vai do «Erkennis» e das Actas do Congresso de Paris, ao livro de literatura, ao folheto panfletário e ao «fundo» de jornal.

Quando desce, dos planos elevados, tal combate torna-se por vezes irreconhecível; como irreconhecível se torna quando passa dos grandes centros intelectuais a um país como o nosso e a um meio como o do Porto.

Somos então joguetes inconscientes desta luta complexa e dos seus complexos factores: complexidade de ordem histórica e bio-social. É absolutamente impossível dar aqui qualquer idéa, mesmo informe e longínqua, deste conflito, de que participamos. Mas devemos, creio eu, arrancar o país à inconsciência desta situação:—porque esta inconsciência é real; ninguém a pode negar; «define-se por um atrazo geral de pelo menos, cincoenta anos».

Dr. Casais Monteiro

SALAZAR

logicamente, a mesma coisa. (Vêr Quadro B).

totalização obrigou a fazer um esforço filosófico de que não há exemplo em toda a história.

O criticismo de Mach, de Poincaré, de Planck, de Einstein, de Heisenberg, etc., foi o ponto de partida de uma nova construção científica que equivale, na história, às eras de Copérnico e de Newton; e esta nova construção obrigou automaticamente o pensamento filosófico a dirigir-se, por vias novas, para novos horizontes. A filosofia é o reflexo da totalidade dos conhecimentos; desta forma uma nova totalização histórica dos conhecimentos tinha de gerar fatalmente numa nova era filosófica.

Assim, em pouco mais de 50 anos, o mundo intelectual sofreu uma transformação completa: e esta transformação gerou uma filosofia nova. Simplesmente, a grandeza da transformação, e a sua complexidade, não permite já que o cérebro de um só homem possa dela fazer a elaboração. Daí o facto desta passar a ser feita não por um pensador apenas, mas por pleiades de pensadores trabalhando em bloco, numa conjunção de esforços: e esta conjunção faz-se no espaço e no tempo. Foi desta forma gerada uma corrente histórica que em breve se universalizou, corrente esta que absorveu e hoje domina todo o pensamento científico. São dele exponenciais a Escola de Cambridge, de Göttingen, de Varsóvia e várias outras; e encontra um dos seus mais notáveis expoentes no chamado Circulo de Viena, e no Congresso de Paris de 1936. (Vêr quadro A).

Ao mesmo tempo que isto sucedia, uma corrente de neo-metafísica se formava, em função de circunstancias variadíssimas de ordem económica, política, social, mística e emotiva. Esta corrente apresenta-se com modalidades muito diversas, conforme os países e as circunstancias; mas no conjunto, ela

(1) Teoria da Relatividade, dos Quanta Mecânica de Schrödinger, de Born, de Broglie, de Dirac, etc.
Vidé Reichenbach—Filosofia do Espaço e tempo
Ph. Franck—Le principe de Causalité

Estas duas correntes nada têm de novo; são a acentuação do velho movimento intelectual da história que conduz o espírito humano, a partir do «Eu» e do «Não-Eu», em dois sentidos opostos, ao Subjectivo e ao Objectivo. A teoria da Relatividade, sob este ponto de vista, não é mais do que um passo em frente no sentido da objectivação, isto é, do «absoluto científico». (1)

Podemos, pois, definir o momento actual como uma mais forte divergência angular das duas linhas históricas que, partindo do «Eu» e do «Não-Eu», teem caminhado sempre em direcção a polos opostos. Como o conflito do espírito metafísico e positivo é tanto mais acentuado quanto mais forte é este ângulo, o momento actual cara-

(1) Que não deve ser confundido com o Absoluto Metafísico.

QUADRO - B

CRISE DA METAFÍSICA

(criticismo de Kant, positivismo de Comte, empirismo de Hume, etc.)

Fichte, Schelling, Hegel

Schopenhauer, Nietzsche, Kirkegaard, Novalis, etc., etc.

Idealismo absoluto, à priorismo integral.

Pathos Metafísico.

Crise autística e romântica da Metafísica; Anti-intelectualismo, recuo ás formas pre-lógicas e místicas, etc

Metafísica, francesa e inglesa (várias correntes)

Butroux, Lachelier, etc.

Renascimento de velhas metafísicas, medievais, gregas orientais, budistas, egípcias, etc.

Caos metafísico actual

Conclusão actual deste movimento:

- 1.º—Segundo a análise logistica: tudo vazio de sentido logico (Carnap)
- 2.º—Segundo o metafísico Driesch: «devemos confessar que até aqui a Metafísica não tem sido uma coisa séria» (Driesch, Metafísica).

4.º—«Eliminar as «ilusões do pensamento»;

5.º—«Suprimir a dialéctica pseudo-objectiva» (1) etc., etc.

ISTO COM EFEITO E' CAPITAL; não é a propaganda d'este ou daquêlê sistema, mas sim coisa inteiramente diversa: A REFORMA DA PROPRIA MANEIRA DE PENSAR. Esta reforma de uma evolução histórica dos conhecimentos e da experiência em geral. Por exemplo: a evolução das matemáticas conduziu a uma revisão da lógica; a revisão da lógica a uma transformação da lógica; esta a uma análise da syntaxe lógica e da linguagem; e que por seu turno conduziu a descobertas e investigações especiais que vieram reflectir-se sobre ela própria, e lançar novas luzes sobre os processos fundamentais do pensamento. Assim, por um encadeado histórico e automático de processos fomos conduzidos a uma revizão integral do pensamento em geral.

A Relatividade peza nisto grandemente; mas não é disso a causa única: —o movimento é de ordem mecano-histórica, isto é, formado de uma série de elementos que evoluem conjugados e se influenciam mutuamente. A reforma tem assim todo o péso e o carácter definitivo de um movimento de ordem histórica, marcando uma «étape» nova na evolução intelectual da humanidade.

Por outro lado, êstes novos processos de pensar caracterizam-se, em parte, PELA IMPOSSIBILIDADE DA REPRESENTAÇÃO CONCRETA, pela impossibilidade DE REPRESENTAÇÕES INTUITIVAS (pensamento imagético, por imagens). A própria ciência clássica pensava o mundo por imagens; a nova ciência pensa-o por símbolos abstractos, sem representação possível na intuição. (2)

Daí uma das principais dificuldades de actualização do pensamento, não digo já para o publico, mas para todos nós, e mesmo para os mais treinados filósofos.

Daí, consequentemente, um enorme esforço a fazer, um cuidado extremo em qualquer crítica, exposição ou divulgação; daí, igualmente, a inevitável confusão actual, de que são exemplos certos livros sobre a Relatividade (3): há hoje ainda filósofos, e homens de ciência, que não compreendem a Relatividade no que ela tem de essencial. (Bergson, por exemplo. Vêr Gonseth, Les Fondéments des mathématiques); Bergson de resto, «êlé próprio», confessou a um jornalista, á saída de uma conferência de Einstein, não ter bem compreendido a Relatividade).

Tôdos êstes factos—que ninguém pode negar, mas apenas ignorar, pelo

(1) Isto é, referente á linguagem material ou pseudo-objectiva de Carnap.

(2) E, assim, a principal dificuldade na vulgarização.

(3) Por exemplo o «Pour comprendre Einstein», de A. Moreux; o «Ha!lucinations des Einsteinien», de Cornellinen.

menos em sua vasta complexidade,—colocaram a Metafísica (qualquer que seja a sua forma) numa situação nova e singularíssima. Esta situação, é, em resumo, a seguinte:

1.º—A Filosofia científica emancipou-se da Metafísica;

2.º—A Filosofia científica pôs de lado a filosofia clássica e escolar;

3.º—A Filosofia científica está construindo uma nova concepção do Mundo, e das Relações do homem com o Mundo;

4.º—Fundou o «sentido» em novas bases;

5.º—Eliminou a Metafísica como fâha de sentido lógico;

6.º—Está fazendo a revisão dos seus próprios conceitos (análise lógica dos próprios conceitos), etc., etc.

Quere dizer, a nova filosofia científica está-se constituindo por um movimento complicado que suponho poder definir-se dizendo que «a ciência, na sua totalidade passou a objecto da própria ciência e do próprio pensamento»; que assim se começa desta fôrma a descobrir cientificamente as suas próprias leis. Em vez de um sistema de conhecimentos e de princípios, passou a ser, como diz Schlick, um «sistema de actos». Mas êste fenómeno estende-se á própria Metafísica, que passou igualmente a «objecto da ciência»: como «facto» que é, historicamente totalizado, a Metafísica é hoje susceptível de ser analisada, e daí os estudos caracterológicos sobre a Metafísica, a crítica da análise lógica, os estudos genéticos, etc. (Vêr Kretschmer, Carnap e os artigos do «Erkenntnis», em particular «La Science et la Métaphysique», de Carnap).

A Metafísica encontra-se, pois, entre a situação que lhe é imposta pela sua própria evolução, isto é, pelas condições bio-históricas (económicas, políticas, sociais, biotipológicas, místicas, emotivas, etc.) e pelas novas condições que lhe impõem a evolução do pensamento científico e seus novos processos de análise. Por outro lado, ainda, enquanto a filosofia científica representa historicamente um processo, as correntes do pensamento metafísico caracterizam-se por um «regresso» histórico tal que muitas delas vão encontrar, num recuo enorme, com as metafísicas pre-lógicas da mentalidade primitiva (Bergson, por exemplo), enquanto outras se vão encontrar com velhas metafísicas orientais (Novalls, por exemplo). (Vêr Levy-Bruhl, La Mentalité Primitive).

A situação da Metafísica é, pois, caracterizada por factores negativos e positivos:

Positivos—E' função biotipológica, caracterológica, histórica e social;

Negativos—Não tem sentido lógico; representa um recuo intelectual; está atrozada extraordinariamente em face da filosofia científica.

Destas condições podem ser deduzidas tôdas as características, modalidades, manifestações, doutrinas, sistemas, etc., da corrente metafísica actual, e a acuidade da sua crise.

Esta acuidade é de tal ordem que

algumas dessas manifestações tomam, por vezes, um carácter delirante, como se verifica no actual Pathos autístico da Metafísica alemã. (Vêr Frederico Henriques, Marcel Boll e Kretschmer).

A crise deriva ainda do facto da Metafísica «ser uma fôrma impotente da expressão do sentimento profundo da vida» (Carnap) e do facto de apresentar as suas proposições pseudo-lógicas «como se fôsem lógicas», isto é, proposições puramente psicológicas como se fôsem analíticas ou sintéticas.

Assim, toda uma série muito complexa de factores bio-históricos, conduziu o momento actual a um conflito travado entre as duas fôrmas essenciais do pensamento histórico, a «fôrma científica», de um lado, a «fôrma metafísica», do outro.

O conflito de «fôrmas» sobrepõe-se ao conflito de «sistemas»; e daí o facto vulgar de se vêr um homem de ciência ocupar o campo metafísico, e um poeta o campo científico, e outros paradoxos ainda.

E como a «fôrma» metafísica, pela sua maior acessibilidade, e pelo seu carácter emotivo, subjectivo, impressiona muito mais facilmente o grande público e os meios literários, em contraste com a dificuldade de expansão da filosofia científica; e como a estética, a moral, a política, a sociologia, o direito, as religiões, as místicas, isto é, aquillo de que vive o pensamento comum e literário é essencialmente subjectivo e metafísico, compreende-se que o conflito tome o especto de uma figura ao sol que batalha com uma figura na sombra.

Tanto mais que em todos os momentos como o actual se dá no público e nos meios intellectuais uma verdadeira dissolução ística e emotiva do pensamento lógico e empírico, fenómeno que se repete em todos os momentos análogos, desde os velhos tempos do Egito até aos actuais; e a linha do pensamento científico continua então no tempo, através do pensamento geral em dissolução, separando-se do seu complexo histórico (cf. do autor «A mecnica evolutiva do pensamento greco-europeo», «Medicina»).

Pode definir-se esta movimentação complexa da seguinte maneira ainda:

O «pensamento objectivo» trabalha com PROPOSIÇÕES LOGICAS, (analíticas ou sintéticas) com as quais são construídas as ciências, o pensamento subjectivo com proposições psicológicas. O erro da Metafísica consiste em que, sendo constituída por proposições psicológicas sem sentido lógico, procura ocupar o campo lógico; isto é, pertence ao campo do pensamento subjectivo mas aparenta ocupar o campo objectivo. Mas não podendo medir-se com a potência expressiva da poesia; e sendo inferior logicamente á ciência, e esteticamente á Arte, «tende historicamente a desaparecer». Os grandes metafísicos são, com

(volte)

Continuado da Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro

efeito, como Nietzsche, Kierkegaard e o próprio Plotino, mais artistas do que filósofos. (1)

Posto isto, a polémica está definida: o sr. dr. Casais Monteiro e eu somos apenas dois joguetes deste conflito, dois exponenciais caseiros desta mecânica caracterológica e histórica acima muito atabalhoadamente esquisada: dois minúsculos expoentes, em simples reflexo provinciano do grande conflito histórico do pensamento movimentado pelo génio de Mach, dos Poincaré, dos Russel, dos Einstein, dos Heisenberg e outros...

A questão—isto é a polémica—não vale pois, em si, coisa nenhuma; seria ridículo ligar-lhe qualquer importância; mas vale, e grandemente, se algum benefício cultural dêle resultar para o público.

Quanto a Heidegger, nada tenho com isso; foi Rudolf Carnap que classificou a sua dialéctica como «um alinhamento de frases sem sentido»; e se a análise lógica da linguagem, depois de uma análise exaustiva da Metafísica, findou por concluir que toda ela é destituída de sentido, não é a mim que o sr. dr. Casais Monteiro deve pedir contas de tal afirmação: para a rebater tem o dr. Casais Monteiro de arruinar toda a Logística, o que não é coisa fácil. E, além disso, para defender a Metafísica, tem ainda o sr. dr. Casais Monteiro de se haver com os próprios metafísicos, que nos dizem, pela voz autorizada de Hans Driesch, isto a saber: «devemos confessar que a Metafísica até aqui não tem sido coisa séria».

Do sr. Pascoais direi o mesmo que, por exemplo, do sr. Carrel; sei que um é um bom poeta, e o outro um grande biólogo; no entanto um com o seu «S. Paulo» e outro, com o seu «Homem desconhecido», fizeram duas coisas mediocres, banalíssimas, de uma pobreza lastimosa. E a razão é exactamente a mesma. Se V. Ex.^a ou o leitor, a quem conhece, bastará lêr o magnífico trabalho de Filip Frank, «La Fin de la Physique mécaniste», com o excelente prefácio de M. Boll, o qual classifica o livro lamentável de Carrel como «une oeuvre médiocre, qui fit quelque bruit dans les profanes».

E o mesmo se poderia ainda dizer de um sem numero de livros e autores de grande nomeada no público, que tem, no entanto, um falso brilho, simplesmente exterior:—o que não impede que os seus autores sejam grandes poetas, grandes historiadores, físicos ou biólogos. (Ver as notas do trabalho referido de F. Frank).

Permita-me V. Ex.^a que termine. O esforço que tenho feito, com todas as

(1) Cf. do autor: Nietzsche e Kierkegaard.

suas imperfeições, que bem conheço, e os seus deslizes, de que me penitencio, tem sido muito maior e muito mais difícil, do que se pode pensar. Não é a mesma coisa escrever um artigo de especialidade e fazer uma síntese acessível com aquela que ultimamente fez, numa conferência sobre Espaço, Tempo, Causalidade, o moço e já notável matemático Ruy Luiz Gomes, o verdadeiro paladino em Portugal do Empirismo-Lógico; a êle, o amigo de Broglie e Levi-Civita, que não a mim, cabe a honra de introdução entre nós da Escola de Viena: e este facto, só por si, revela a lucida visão filosófica do novel e já illustre matemático.

E concluo repetindo a frase que exprime claramente os meus intuitos: «há isto, queiram reparar». Porque «isto» é nada menos do que uma nova forma histórica do pensamento, uma revolução tão importante ou mais do que a Copérnico, Aristóteles ou Parménides. «Isto» é uma nova concepção histórica do mundo, e das relações do homem com o mundo; «isto», é uma transformação tão capital como a passagem histórica do pré-lógico (mentalidade primitiva) ao lógico, e do pensamento pré-helénico ao greco-europeu. «Isto» é, historicamente, a entrada numa nova era intelectual, que sucede à copernico-newtoniana. «Isto» é a «desagregação do a priorismo», a «desdivinização» e a «deshumanização do mundo», como diz o illustre Reichenbach; «isto» é o caminho para o absoluto científico, para a objectivação total através da relativização integral; «isto» é a emancipação do objectivo em face do subjectivo, e uma nova crise histórica das relações do subjectivo com o objectivo. «Isto» é o pensamento científico e a filosofia positiva cada vez mais longe e acima do pensamento metafísico, cada vez mais distante do homem moral, da estética, da poesia, da política, do direito, da mística metafísica.

Mas a ciência, isto é, o tautológico e o empírico, NÃO BASTAM AO HOMEM; tem êste necessidades emotivas e estéticas imperiosas; necessidades de auto-affirmação da sua vida profunda, dos seus dramas, angústias, perplexidades, dores; portanto, mais uma vez, à deshumanização e desdivinização do mundo, êle vai opôr novas formas de humanização e divinização do mundo; essa Objectivo, êle tentará vivificá-lo, pois tal é a lei imperiosa da sua própria vida.

E o conflito entre o Subjectivo e o Objectivo vai reacender-se, reacendeu-se já; êsse conflito paira em toda a parte, está em nós próprios; simplesmente, enquanto uns se esforçam por ter dêle cada vez mais lúcida consciência, outros mergulham automaticamente em cada vez mais obscura inconsciência

dêle. E a razão é que pela força própria das coisas a tendência mística e autística procura na inconsciência do fenómeno o seu próprio apoio e a sua própria ilusão; o que é natural, pois o contrário seria uma contradição insolúvel com a própria natureza da mística, da emotividade e do autismo. Daí um novo e paradoxal conflito do subjectivo e do objectivo; e é preciso por vezes a potência de abstracção, e a lucidez crítica, quasi heróica, de um Einstein, para tirar o conflito da situação que êle, nos fins do século XIX, atingiu. Essa é a grandeza de Einstein, e a razão fundamental da influência filosófica do seu génio e da sua obra; e, assim Einstein, sem fazer filosofia, abalou toda a filosofia e o pensamento clássico.

«Tudo isto» está muito longe de ser compreendido lá fóra, de uma maneira geral, quanto mais entre nós. «Tudo isto», custa a qualquer pessoa penosos esforços, para o compreender, em sua vastidão e profundidade; e quando o compreendeu, fica ainda perplexo ao perceber que muito lhe resta ainda a compreender: e que um esforço tenaz, constante, de todos os momentos, uma reflexão de todos os instantes, lhe é precisa, hoje e sempre, e sem cessar, para continuar o seu caminho, no tratamento dêstes assuntos.

Mas «isto», apesar da sua complexidade e subtilidade, o publico precisa de conhecê-lo, tem direito a conhecê-lo; porque o pensamento não é património de uma élite; e tem de conhecê-lo, como diz o grande matemático Emilio Borel, quaisquer que sejam as dificuldades, as imperfeições e as deformações de uma vulgarização do pensamento científico.

E pois que sinceramente dei à mão à palmatória quanto áquilo em que o sr. dr. Casais Monteiro tem razão, espero que por seu turno me reconheça igual razão—tanto ela é evidente—nos meus esforços em introduzir em Portugal a reforma do pensamento e da filosofia, tanto mais necessaria quanto estamos num país de geral retórica, de logomaquia, de filosofismo e mesmo de frouxa ética intelectual; num país de habitual e enraizada ligeireza mental, de sentimentalismo barato, onde o fado impera, no público, nas artes e nas ciências

...E onde portanto a linguagem grave que me é exigida, desliza automaticamente para a ironia...

Por forma que, em resumo: ou o meio intelectual se convence de que qualquer coisa de grande e de definitivo, historicamente, se está passando, e se esforça conscientemente por assimilá-lo, ou não o quer fazer; neste último caso, porém, não é contra mim que êle se choca, mas contra os factos: e contra factos que tem o pézo de uma revolução histórica do pensamento. E se o quizer fazer, isto é, se quizer entrar na consciência plena desta transformação, não é em dois dias, nem em dois meses, nem em dois anos, que o poderá conseguir; não é, sobretudo, com algumas leituras, alguns folhêtos, e dois dêdos de cavaço, que o poderá fazer: mas com um trabalho tenaz, persistente e reflectido. Por isso

A vinda a esta cidade da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, que realizou três esplêndidos concertos, no Rivoli, a 14, 15 e 16 de Abril pretérito, trazendo á frente a figura eminente do Maestro Pedro de Freitas Branco, curiosa e rara individualidade de chefe de orquestra, proporcionou-me, no segundo concerto, o enorme prazer espiritual de ouvir e conhecer a 2.^a suite do «Ballet Sonatina», de Ernesto Halfftter, para piano e orquestra, estando a parte de solista entregue ao Autor.

Desejoso de conhecer pessoalmente o illustre compositor, dirigi-me ao camarim, mesmo antes de se iniciar a execução da sua obra, tendo-me sido apresentado pelo Maestro Freitas Branco.

Ernesto Halfftter, com a mais cativante gentileza e surpreendente camaradagem, marcou para o dia seguinte um encontro no Grande Hotel do Pôrto, para trocarmos impressões, num ambiente mais tranqüilo, impressões essas, que deram origem ao seguinte esboço biográfico.

//

Ernesto Halfftter, nasceu em Madrid a 16 de Janeiro de 1905. Seu pai, Ernesto Halfftter, alemão, casado com D. Rosaria Escribá, espanhola, nascida na ridente e buliçosa Andaluzia, conhece bem o nosso país, onde viveu alguns anos, antes de fixar residência em Espanha.

Halfftter, como quasi todos os «novos» da moderna escola espanhola, com excepção de Joaquim Turina, que frequentou o Conservatório de Madrid, começou estudando música só. Tendo o notável musicólogo e crítico, D. Adolfo Salazar, escutado al-

mesmo os artigos que tenho publicado a este respeito são mais uma indicação das vias a seguir, do que propriamente uma exposição ou vulgarização do assunto: o resto é com a capacidade e o poder de atenção dos leitores.

A este respeito recordarei aqui as seguintes frases, em extremo justas, de Painlevé. «Que tais concepções apaixonem os mais diversos melos, é coisa de que nos devemos felicitar; mas os espiritos que pretendem aceitá-las sem esforço dão por isso mesmo a prova de que as não penetraram. Muitos dos entusiasmos que suscita a nova e audaciosa doutrina (Relativ.), são, segundo temo, provocados menos pelas belezas profundas mas pouca acessíveis que ela encerra, do que por erros de interpretação aos quais ela se pode prestar. Esses erros encontram lugar em muitos tratados recentes que pretendem ensinar a Relatividade. Bem entendido, seria inadmissível imputar aos criadores da doutrina a responsabilidade destes mal entendidos, ainda que certas exposições um tanto temerárias, certos esforços impressionantes tragam áqueles que com isso foram enganados largas circunstâncias ate-

O compositor espanhol Ernesto Halfftter, no Pôrto

guas composições de Halfftter, entre as quais se contava uma pequena peça escrita aos seis anos de idade e admirado pela enorme intuição do moço artista, mostrou forte empenho em apresentá-lo ao grande compositor Manuel de Falla.

Desde então nasceu entre Falla e Halfftter a mais profunda amizade, imamados, Mestre e Discipulo, numa espiritual comunhão de ideias, vivendo os mesmos sonhos de Beza.

Halfftter foi o único discipulo de Falla, facto que o honra sumamente, atestando bem o seu valor de compositor e o reconhecimento desse mérito por parte do seu Ilustre Mestre.

Ernesto Halfftter, como o seu illustre compatriota o escultor Benlliure, encontrou na terra lusitana a companheira do seu lar de artista.

O autor da «Sinfonietta» é casado com a distinta pianista D. Alice da Câmara Santos de Halfftter, antiga discipula de Marcos Garin, em Lisboa, que se tem feito ouvir em concertos nessa cidade, em Sevilha, Madrid, Paris e Berlim.

As principais obras de Ernesto Halfftter, de acentuada personalidade constructiva dentro dos moldes modernos, são: «Sonata», em ré maior, para piano; «Ballet Sonatina», dedicado a sua esposa, estreado em 1928 em Paris com retumbante êxito: «Sinfonietta», para onze solistas e orquestra de corda; «Rhapsodie Symphonique»; «Sonatina Fantasia»; «La muerte de Carmen»;

tragédia musical em quatro actos e «L'hiver de l'enfance», além de outras composições para trio, quarteto de cordas, canto e orquestra e canto e piano.

O Maestro Halfftter, tem dirigido várias orquestras em Paris, Londres, Berlim e Colónia, e as mais importantes do seu país, tais como a «Sinfónica», «Filarmonica» e «Lassalle» de Madrid, a orquestra do «Liceo» de Barcelona e a Orquestra Belica de Câmara, criada por Falla, na qual Halfftter é director desde a fundação, sendo interessante frisar, que nesta orquestra empunhou a batuta, pela primeira vez, aos 16 anos de idade.

As suas obras tem sido executadas nos Estados Unidos, Argentina, Bélgica e Itália.

Ernesto Halfftter é hoje detentor da mais forte representação da música espanhola de carácter internacional, libertando-se das influencias do «provincialismo» ou «hebetude folclórica», o que nesta boa terra portuguesa se vem notando com perigosidade e acentuada tendência, em alguns compositores.

A sua forma é expressionista, e temos um flagrante exemplo a apontar: a sua «suite» para piano e canto, «L'hiver de l'enfance», na qual o piano tem uma função primordial no comentário, enquanto a voz «recita», criando um ambiente estético novo.

Contudo nunca descure a forma, o ritmo interior, o sentido trinal e o sentido emocional, condições indispensáveis para que uma obra seja perfeita.

Na chamada música popular não lhe despertam interesse as «maízes», mas somente a «essencia», no que considerava a base da música nacionalista.

Na moderna escola espanhola, além do nome brilhante de Ernesto Halfftter, na vanguarda, ficaram outros, não menos dignos de serem evocados: Rodolfo Halfftter, irmão do binaffterado, autor do «ballet» «D. Imito de Almeria», para duas orquestras de corda; Gustavo Pittalino, essencialmente nacionalista, autor do «Concerto Militar» para violino e orquestra, e Salvador Bacarisse.

//

Para foi que os «cronistas musicais» dos diários portugueses, não tivessem dado o devido realce á forma de prestigio mundial que é Ernesto Halfftter, que no concerto de 15 de Abril em colaboração com a Orquestra da Emissora Nacional, veio até nós, apresentando-nos uma das suas mais representativas obras.

Nestas linhas, aqui tributo a Ernesto Halfftter a minha homenagem.

EURICO THOMAZ DE LIMA

nuantes. É um sensato aviso dizer que a teoria da Relatividade é como um vinho demasiado forte que embriaga os cérebros insufficientemente treinados na severa disciplina da ciência.

O que Painlevé diz da Relatividade, podemos dizê-lo igualmente da Logística, da matemática da linguagem, das doutrinas do Circulo de Viena e outras concepções da ciência e da filosofia positiva contemporânea, pois esta ultrapassa grandemente em fluidez, subtilidade e fugidia visão a mais requintada das metafisicas helénica ou budista. Por tais razões o primeiro passo a dar, neste sentido, era a divulgação em Portugal daqueles autores que como Rudolf Carnap, Schlick, Frank, Reichenbach e outros juntam a uma perfeita posse da ciência, uma luzidez de espirito critico, e de exposição, e um vigor filosófico admiráveis: foi a isso, afinal, e quasi sómente a isso que se reduziu a minha tentativa. Os deslises de forma que esta possa ter não modificam pois em nada o que é essencial: «a segurança dos caminhos iniciados».

Com toda a consideração.

Abel Salazar